

Contributos para unha historia da lingüística galega (1964-1974)

MARIA DO CARMO HENRÍQUEZ SALIDO

0. Por volta de uns cem anos mais tarde de se publicarem os trabalhos dos precursores dos estudos lingüísticos e gramaticais na Galiza -utilizaremos o termo 'precursores' com o valor que lhe dá Felisindo Rodríguez Vilarinho (1)- e coincidindo na historia com a etapa de certa debilidade e abertura da ditadura franquista, iniciam-se na Universidade de Santiago os estudos de Lingüística e Filologia Románica; dentro destes saberes abordava-se de modo genérico e ocasional, a reflexom e estudo do galego ou galego-português, segundo tínhamos aprendido os alunos dessa especialidade nos clásicos manuais de Dom Ramón Menéndez Pidal (2) e de Rafael Lapesa (3).

O idioma galego "mamado dos peitos das nossas mais", apesar da sua situaçom regressiva, ofrecia um uso lingüístico espontáneo suficiente, mas a consciéncia lingüística dos seus falantes nom alcançava um nível igual, pois nom existia a necessidade pessoal e real (nem as circunstâncias políticas adequadas) de conhecer o seu próprio idioma nem por parte daqueles que com o seu uso queriam manifestar a sua oposiçom ao regime franquista (regionalistas e nacionalistas, comunistas, etc.) nem do lado dos que o falavam "porque nom lhes quedava outro remédio" em palavras de José M^a Sánchez Carrión (4). Este amplo sector de monolíngües, que suportavam esse monolingüismo como "um humilhante estigma", com o decorrer dos anos vam provocar nas geraçons subseguintes "o horror da língua

(1) Rodríguez Vilarinho, F. (1989), "Precursores dos estudos gramaticais na Galiza", in *Actas do II Congreso internacional da lingua galego-portuguesa na Galiza* (1987), Ed. Agal, A Corunha, pp. 137-155. Citamos este autor porque além de fazer umha ampla referéncia dos primeiros estudos, nomeadamente os dos ilustrados do século XVIII, estuda com maior especificidade as obras dos "precursores" Joám Manuel Pintos, Francisco Mirás e Valentim Graña y Orje, claros "precursores" de Saco e Arce.

(2) Menéndez Pidal, R. (1904), *Manual de Gramática Histórica Española*, Ed. Espasa-Calpe, Madrid, 11^a ed., 1962, 367 pp.

(3) Lapesa Melgar, R. (1942), *Historia de la Lengua Española*, Ed. Escelicer, Madrid, 5^a ed., 1962, 407 pp.

(4) Sánchez Carrión, J. M^a (1987), *Un futuro para nuestro pasado. Claves para la recuperación del Euskara y teoría social de las lenguas*, Ed. do autor, San Sebastián. Em pp. 60 ss. explica a aprendizagem natural e com maior propriedade em p. 62 afirma "...como corolario de ello carece de valoración suficiente hacia el idioma que habla *porque no le queda otro remedio*. Estos monolíngües tienen, a pesar de su monoglotismo, una gran influencia en el proceso de sustitución lingüística porque provocan una quebra en el proceso natural de transmisión". Em nota (91), pp. 129-130 esclarece ainda mais esta teoria.

tradicional e o desejo de se inserirem o antes possível na língua invasora" (5), provocando umha quebra no processo natural de transmissão.

Embora o galego mal se falasse na Universidade e o seu estudo e aprendizagem nom formasse parte de umha disciplina independente e autónoma das outras línguas románicas, mercê à dedicação e generosidade de dous grandes Mestres, um de Latim e outro de Grego, os alunos da primeira promoçom de Filologia Románica éramos introduzidos no seu conhecimento científico através da etimologia das palavras (na sua evoluçom do latim para as línguas románicas) e da toponímia galego-leonesa. Dom Abelardo Moralejo Lasso, catedrático numerário de Latim, mas professor de Grego, Latim vulgar, Árabe e Filologia Románica, em horário de tarde nas aulas práticas, explicava a toponímia do nosso País com especial atençom às línguas de que procedia, os povos que a impugeram e as correspondentes transformaçons. Algunhas das suas liçons sobre o galego, escuitadas ocasionalmente nas suas aulas de latim, formarám parte do livro *Toponimia gallega y leonesa* (6). Dom Manuel Rabanal Alvarez, catedrático, nessa altura, de Grego no Instituto "Gelmírez", e professor na Universidade, "pastor" e leonês de pró, também nos abria os olhos na "história mágica e lógica das palavras", nos temas galegos e leoneses e no castelhano «agallegado» ou dialecto castelhano falado na Galiza (7).

Esses futuros lingüístas e filólogos eram possuidores de umha concepçom sobre as línguas románicas peninsulares, de acordo com a linha mais ortodoxa da doutrina de Dom Ramón Menéndez Pidal, autoridade a quem tanto admirava Dom Manuel Rabanal (8), respondendo as nossas informaçons às directrizes do manual de Lingüística Románica de B.E. Vidos (9), livro de texto para conhecer a situaçom de todas as línguas románicas -entre elas, evidentemente, o galego-português-. Na nossa formaçom nom se recebiam teses dos nossos professores, em que se questionasse a filosofia mais tradicional da Lingüística Románica, filosofia que bastantes anos mais tarde, descobrimos subjacente nos estudos sobre a língua galega dos séculos XVIII e XIX, nas reivindicaçons lingüístico-políticas dos homens das "Irmandades da Fala" através do seu órgão de expressom *A Nosa Terra* (10) e bem explícita assi mesmo na *Revista Nós* (11). E dizemos descobrimos porque a maioria desses estudantes universitários, quase nom tínhamos notícia dos contributos de um Pe. Feijó ou o Pe. Sarmiento, dos estudos gramaticais e da lite-

(5) *Ibidem*, pp. 129-130.

(6) Moralejo Lasso, A. (1977), *Toponimia gallega y leonesa*, Ed. Pico Sacro, Santiago.

(7) Rabanal Alvarez, M. (1967), *Hablas hispánicas. Temas gallegos y leoneses*, Ed. Alcalá, Madrid. Em p. 13 fala de "castellano agallegado o dialecto castellano hablado en Galicia".

(8) *Ibidem*, em p. 9 afirma: "Comprendo, sin embargo, que es muy ardua la empresa de pugnar por dar gusto, a la vez a don Ramón Menéndez Pidal, pongamos por supremo ejemplo de sabios lingüístas contemporáneos...".

(9) Vidos, B.E. (1959), *Manuale de linguistica romanza*, Florencia. Trad. espanhola *Manual de Lingüística Románica* (1963), Ed. Aguilar, Madrid.

(10) Este "Boletim Dezenal", sub-intitulado como "Idearium da Hirmandade da Fala en Galicia e nas colonias gallegas d'América e Portugal", publicou-se de modo mais ou menos regular, desde o 14 de Novembro de 1916 até o 17 de Julho de 1936.

(11) *Revista Nós*, Ed. fac-similar (1979), Ed. Galaxia, Vigo, seis volumes. Sobre esta questom temos publicado "Língua, Lingüística e Filologia na revista Nós", in *Actas do II Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*, op. cit., pp. 259-290.

ratura do século XIX e das primeiras décadas do XX; numha palavra, de todo o relacionado com a história, a língua ou a cultura do nosso País.

Em Outubro de 1965, uns trinta estudantes de 5º curso de Filologia Románica abordam por primeira vez na história da Universidade e da Galiza, o estudo da Lingüística e da Literatura Galega, por ocasiom de se criar umha cátedra com tal denominaçom. Com esta decisom, o idioma galego entrava nas salas universitárias -dadas as aulas nesse curso académico de 1965-1966 na Faculdade de Ciências, imagem/símbolo com a qual poderíamos simbolizar a entrada da língua e da literatura galega como "disciplinas científicas". O primeiro professor da disciplina assi nomeada, foi Dom Ricardo Carvalho Calero, quem com a sua chegada introduz certa ruptura con o extraordinário voluntarismo anterior. O nosso professor de galego tentava, em primeiro lugar, fixar perante os alunos o esquema de um ideal lingüístico do nosso idioma e manejanado critérios geográficos, históricos e sociais apresentava-nos um "galego ideal", "um galego comum" e em segundo lugar familiarizava-nos com os trabalhos de campo de dialectologia e prosseguia com os estudos de toponímia; estes trabalhos práticos de recolha de material léxico tomavam como pautas os postulados da mais estrita Geografia lingüística, para destarte estebelecer os falares ou dialectos do galego. As teses do professor eram corroboradas com a experiência directa dos seus alunos e constituirám a base da *Gramática elemental del gallego común* (12).

1. Na primavera de 1966 irrompe em Santiago, o primeiro catedrático numerário de Lingüística e Filologia Románica, o professor Dom Constantino Garcia González, motivo e objecto desta lembrança. O primeiro encontro com os alunos de 5º de carreira tivo lugar polo mês de Abril ou Maio e consistiu numha reuniom celebrada num ambiente extremadamente cordial, infreqüente nas relaços alunos-professor, por motivo de solicitar futuros colaboradores/investigadores da realidade lingüística do idioma galego. Nessa primeira entrevista, tam só dous alunos manifestamos o nosso propósito de nos dedicar ao estudo e investigaçom da língua galega: o Prof. Dr. Antonio Santamarina e a autora destas linhas. Nesse mesmo verao, ambos os dous, começamos a recolha do material das nossas futuras teses de doutoramento, contando -polo que me di respeito- com tam só a bibliografia fornecida nas aulas do professor Carvalho Calero e com a pobre experiência adquirida de ter feito breves e modestos inquéritos na localidade onde vivíamos. Foi, assi, pensamos, que começamos muitos os nossos estudos sobre dialectologia galega, desatendendo as dimensons sócio-políticas dessa língua.

Incorporados já alguns desses primeiros licenciados, como professores da Faculdade, agora renovada e instalada de novo no edificio matriz da Universidade, começam a funcionar os novos Departamentos ou Cátedras, entre eles o de Filologia Románica, sob a direcçom de Dom Constantino Garcia e tendo como professora adjunta Dona Maria Pilar Santamaria Sande, autora de um trabalho

(12) Carballo Calero, R. (1966), *Gramática elemental del gallego común*, Ed. Galaxia, Vigo. Em p. 267 consta que se acabou de imprimir o día 5 de Novembro de 1966, quer dizer, umha vez licenciados os alunos da primeira promoçom de Filologia Románica.

sobre a "gheada" na província de Lugo (13). Embora nom pertencesse a esse Departamento, mas ao de "Gramática Histórica de la Lengua Española", outros professores e alunos dos últimos cursos de Filología trabalhávamos nele em qualidade de colaboradores; carecendo de material bibliográfico, fichas, arquivos, ficheiros, meios, material fungível e dinheiro etc. pugemo-nos em marcha, sob a direcção de Dom Constantino -era assi que o chamávamos sempre- para recolher todo o léxico galego.

Após estes vinte e cinco anos de perspectiva, podemos fixar os objectivos que, em nossa opinião, sustentavam os caminhos da investigação futura, objectivos perfeitamente estabelecidos por este professor e claramente expostos no seu livro *Léxico de la comarca compostelana* (14), que seguimos mesmo na ordem marcada:

1.- Constituirá tarefa fundamental nos trabalhos de lingüística galega a recolha do léxico comum, nomeadamente as palavras que designam objectos, que están a ser substituídos por umha voz nova, introduzida junto com o objecto. Especial atençom merecerá o léxico rural, agredido pola entrada de vozes claramente espanholas (acrescentamos nós). Nesta etapa -anos 1967-1968- nom se fixam critérios nem princípios, do ponto de vista da História da Língua ou do ponto de vista da elaboração e reconstrução do léxico padrom, tendentes a determinar o léxico genuinamente galego, quer dizer, o léxico padrom. Nessa recolha, exaustiva, devem ser incluídas também as formas coincidentes com as castelhanas, para assi empreender com urgência a pesquisa em materiais dialectais (15):

"La influencia del castellano, por una parte, y la de la técnica e industria moderna, por otra, conducen fatalmente al empobrecimiento de la lengua gallega. Cada generación lleva consigo la desaparición de una parte del léxico común de una serie de objetos que fueron sustituidos por otros más modernos que no heredan el nombre tradicional (...) porque hoy en las tiendas se compran *escobas, telas, coladores, fuelles*, etc.

(...)

Como los meritorios diccionarios gallegos [ao nom indicarem a procedência das vozes apresentam] el grave defecto de no incluir las formas que coinciden con las castellanas, es necesario emprender urgentemente la tarea de recogida de materiales dialectales..."

2.- O território objecto da recolhida deste material léxico, assi como os critérios da sua posterior interpretação e análise, está situado sempre dentro do Estado Espanhol (as quatro províncias galegas, zonas limítrofes de Astúrias, Leom ou Samora); em nengum caso se estabelecem comparaçoms ou relaçoms com vozes idênticas ou coincidentes, mas registadas em territórios situados debaixo da fronteira política, marcada geograficamente polo rio Minho. Antes atende-se ao castelhano como referência obrigada (16):

(13) Santamaria Sande, M^a P. (1966), "La gheada en la provincia de Lugo", in *Boletín de la Comisión de Monumentos de Lugo*, VIII, Lugo.

(14) García González, C. (1974), *Léxico de la comarca compostelana*, VERBA, Anuario Gallego de Filología, Anejo 1, ed. Universidad de Santiago de Compostela. Este texto, em certa medida, pode servir como exemplo para de um modo objectivo, fixar os objectivos e métodos de trabalho, na etapa de pré-história da investigação dialectal na Galiza.

(15) *Ibidem*, p. I.

(16) *Ibidem*, p. I.

"La estructura fonética y gramatical del sistema gallego tienen hoy todavía una firmeza tan fuerte que, aún recibiendo ciertas influencias castellanas, presiona a su vez de modo muy intenso en el castellano hablado en Galicia".

3.- A investigação desse material dialectal deve ser o mais exaustiva possível. O mais importante é que apareçam todas as palavras que designam as "cousas". Ao nom existir nos anos 1967-1968 um questionário completo e elaborado segundo os princípios que tenhem que reger esta modalidade de pesquisa, os investigadores deveriam elaborar cada um o seu, estruturado por "campos semânticos", mas tendo como meta final o facto de recolher da maneira mais natural e espontânea o maior número de vozes.

4.- Nom merecerám especial atençom nesta época, todos os conflitos inerentes ao processo de substituiçom idiomática do léxico galego polo castelhano. As "interferências" ficarám assinaladas, simplesmente, com a indicaçom de "castelhanismo"; nom obstante, a forma castelhana deve aparecer junto às formas genuinamente galegas, em pé de igualdade, salientando isso si o "grave perigo em que se encontra o léxico galego" pola situaçom originada polo contacto de línguas.

5.- O método usado polos investigadores deve ser o tradicional para esta modalidade de trabalhos: realizaçom de inquéritos com base em questionários, as conversas sobre os objectos que se tenhem diante e sobre temas de carácter abstracto e o constante ouvir das conversas das gentes durante vários anos. Os investigadores devem ter um "bom ouvido" para assi transcrever com a maior fidelidade a fonética de cada localidade da Galiza. Um bom investigador deve introduzir-se de modo natural dentro da vida dos seus entrevistados e deve escutar com toda a paciência os seus "contos", "refrâns", "adivinhas", "lendas"... procurando em todo momento nom romper a sua espontaneidade. Todos os fenómenos devem ser reproduzidos com fidelidade máxima e sem manipulaçom dos resultados. A análise, neste momento, era menos importante do que a recolhida e representaçom de dito material. O tempo destinado para esta tarefa pode durar vários anos, nom se deve ter pressas (17):

"El método usado para la recogida del presente material es el tradicional para este tipo de trabajos: la realización de encuestas a base de cuestionarios, las conversaciones sobre los objetos que teníamos delante y sobre temas de tipo abstracto y el constante oír de las conversaciones de las gentes durante varios años".

6.- Cumpre potenciar a substantividade do galego segundo se fala, isto é, "o galego vivo". Essa língua oral deve passar-se à escrita empregando como normas de transcriçom as de carácter fonológico. A formalizaçom gráfica deve tomar como ponto de partida e de chegada o modelo do espanhol, pois até como afirmava Carvalho Calero no ano 1966 (18) resulta mais adaptável para o galego a ortografia castelhana do que a portuguesa, pois a primeira pode adoptar-se sem mais problemas que o da representaçom do fonema *s* (*x*), de que o castelhano moderno carece, explicitando Dom Constantino (19):

(17) *Ibidem*, p. II. Está claro que o método está ligado a "vários anos".

(18) Carballo Calero, R., *op. cit.*, em p. 29.

(19) García González, C. (1974), *op. cit.*, p. III.

"Las palabras gallegas van siempre transcritas con sentido fonológico. Nunca empleamos el grafema *vsino* *b*.

Cy qu (ante *e, i*) representan siempre [k] y se ordenan alfabéticamente con la *c*.

Como en la zona no hay [θ] empleamos siempre *s* (y nunca *z* o *ce*).

No existe el sonido [g] y, por tanto, aunque esporádicamente, por imitación del lenguaje culto o del castellano, puede darse este sonido, representamos el sonido correspondiente a la *geada* como *j*, aspirada faríngea fricativa xorda [h̥], nunca [x].

La *n* velar en interior de palabra va representada como *nh*.

El grafema *x* representa el sonido [ʃ].

Las vocales tónicas abiertas van representadas por *e* y *o*; las cerradas no llevan ningún signo..."

7.- Nos trabalhos realizados sobre as falas galegas, anteriores ao ano 1974, mal se tem presente a língua medieval, a dos séculos obscuros ou mesmo a dos escritores dos séculos XIX e XX. Se houver referências a questões relacionadas com a diacronia do galego, seguem a disposição do manual de Dom Ramón Menéndez Pidal (20), para contemplar a evolução do latim para o galego de determinados fonemas.

8.- As vozes que fazem referência à cultura material devem ir acompanhadas, além da correspondente transcrição fonética e do seu significado, das correspondentes fotografias, desenhos e ilustrações, seguindo os critérios tradicionais em estudos destas características.

Decorridos os anos 1967 a 1970, mas partindo substancialmente destes princípios, iniciaram-se no ano 1971 novos projectos mais ambiciosos, aquando da criação do "Instituto de la Lengua Gallega" da Universidade de Santiago, ligado à cátedra de Lingüística e Filologia Románica e desconectado ideologicamente com o ideário do galeguismo e nacionalismo galego. Por primeira vez na história do nosso idioma, um Instituto universitário vai dedicar os seus trabalhos ao estudo do galego.

2. Dentro dos estudos de Lingüística galega publicados nesta década e deixando artigos aparecidos em revistas como *Grial* ou outros contributos nom directamente relacionados com o mundo da Universidade de Santiago, passamos a analisar com brevidade, aqueles que nos parecem mais representativos da situação da Lingüística galega nesse período de tempo.

2.1. Ricardo Carballo Calero (1966), *Gramática elemental del gallego común*. A obra consta de 266 páginas e vai sofrer várias edições, revisões e mudanças muitos salientáveis no decorrer do tempo.

A 1ª edição consta de umha "Introducción" (pp. 9-36) em que além de justificar o móbil e propósito do autor, manifesta a modalidade de gramática que se

(20) Menéndez Pidal, R. (1904), *op. cit.* Assi na nossa tese de doutoramento, dirigida polo Professor Dom Constantino García, defendida em Outubro de 1971 na Universidade de Santiago -com esta tese abre-se um importantíssimo trabalho de direcção e publicação de teses de licenciatura e de doutoramento ininterrompido nestes vinte e cinco anos- escreviamos: "/a/ es el resultado habitual de las /a/ tónicas latinas" e a seguir incorporávamos uns exemplos. Desta primeira tese de doutoramento lida na Universidade, están inéditas as partes de Morfología e Sintaxe. O *Léxico* será publicado em 1974; a "Fonética e Fonología" aparecerá na revista VERBA, vol. 3 (1976), pp. 127-160 com o título "Fonética y fonología del gallego de O Grove".

propom escrever, cita os objectivos e postulados pr evios deste contributo. Na parte II, "Los sonidos" (pp. 37-80) descreve o sistema fonológico do galego moderno, atendendo nomeadamente aos tra os diferentes a respeito do espanhol oficial. Nela inclui também quatro páginas para expor os cr terios do autor sobre a representaçom gráfica do galego.

O professor Carvalho Calero nom se mostra partid rio de umha escrita que se atenha em excesso   imagem acústica, por oferecer muitas dificuldades práticas e mesmo problemas de carácter científico (p. 79). Nesta altura tampouco   partid rio de ortografia etimol gica e declara:

"El intento de ortografía etimol gica, que utilizaría g, j o x es incongruente, pues sería arbitraria la elección de cualquiera de estos símbolos en el caso frecuente de que no hubiera ninguna de esas letras en el  timo". (p. 78)

Nom obstante, j  se manifesta contrário de representar na escrita a assimila om do *l* do artigo ou pronome (21).

Na parte III, "Las palabras" (pp. 83-192), partindo da divisom tradicional de oito classes de palabras, estuda a morfologia do galego, situando sempre em notas a roda-p  as solu ons dialectais ou nom recomendadas para a elabora om do "galego comum".

Na parte IV "Usos y construcciones" (pp. 193-256) aborda a sintaxe do galego, fazendo fincapé tam s , e centrando a sua atençom, sobre as construoens características do galego face ao castelhano literário. O texto finda com umha parte V de "Orientación bibliográfica" (pp. 257-262). As páginas 263-266 levam o índice da obra.

Esta gram tica, obra descritiva, busca ser umha gram tica de carácter normativo, pola via de seleccionar de entre as variedades múltiplas da língua galega, aquelas consideradas como mais correctas para fixar o "galego comum". O professor estabelece umha diferen a entre o filólogo e o gramático:

"Al gramático le estorban las variantes. Su labor es del tipo académico clásico, una labor de política cultural. Supone el propósito de fijar y limpiar el idioma eligiendo (...) fonemas, morfemas o sintagmas a los que se pretende canonizar, por considerarlos los m s eficaces o autorizados, y rechazando como incorrectos, innobles o inadecuados, los hábitos ling sticos que no se ajusten al canon establecido. El verdadero filólogo en cambio, ama los hechos en toda su objetiva riqueza, no trata de encauzar, sino de conocer la vida del idioma, y tiende a mirar como falta de sentido científico la obra del autor de una gram tica normativa." (pp. 10-11).

O móbil que guia ao professor Carvalho Calero nom   outro que o de dignificar o idioma. Tal dignifica om, entende, só se pode conseguir *restaurando* por via culta as formas tradicionais galegas, que devem substituir as formas castelhanas. Neste ponto também h  diverg ncia com as opiniom do professor Garcia

(21) Carballo Calero, R., *op. cit.*, p. 79 declara: "La asimilación a la *l*- del artículo o el pronombre, de la *-r* o *-s* contigua de palabra anterior, tampoco se refleja en la escritura, salvo en el caso del pronombre encl tico al verbo, y el artículo contraído con la preposición *por*. Escribimos *velo* "verlo", *falas* "las haces", *pola* "por las" (sic). En los demás casos, mantenemos separadas en la escritura las palabras en su forma independiente, y las modificaciones de sonidos por fonética sintáctica no se registran gráficamente". Com estas palabras parece adiantar a su  opiniom a respeito das propostas do professor Garcia González.

González, quem parecia centrar o seu traballo na recolla de todo o material, seja dialectal, popular ou castelhana.

O professor, em certa medida, já se antecipa as possíveis críticas das mudançás futuras, ao asseverar que nom há rigidez nos princípios:

"Esta gramática será, pues, un ensayo de sistematización que se ofrece como una aportación a una tarea que nunca podrá considerarse terminada, pues la vida del idioma no se detiene jamás. Por eso la concebimos como un trabajo modesto y provisional, susceptible de rectificación en cada edición nueva, según las luces que la experiencia ulterior nos proporcione..." (p. 14)

Prova das rectificaçõs efectuadas com posterioridade, parece-nos oportuno citar aqui textualmente o párrafo redigido no ano 1966, filosofia radicalmente oposta à que defenderá o professor Carvalho Calero após 1977. Dizia em 1966 (p. 29):

"Resulta, por todo ello, y en conjunto más adaptable para el gallego la ortografía castellana que la portuguesa, pues la primera -si se prescinde del timbre de las vocales- puede adoptarse sin más problemas que el de la representación del fonema s (x), de que el castellano moderno carece, y la transcripción de la *n* velar en palabras como *unha* "una" y sus derivados."

2.2. Os métodos de Galego. Desde o ano 1971 começam a publicar-se um conjunto de três livros com o propósito de que sejam um método práctico para a aprendizagem e aperfeiçoamento do idioma galego, através do que se poda aprender a falar a língua, seguindo um sistema progressivo ou bem para aperfeiçoar o galego utilizado coloquialmente (22).

A equipa redactora deste método, sob a direcçom do professor Dom Constantino Garcia González, estava integrada por Xosé Luis Couceiro, Ramón Lorenzo, Guillermo Rojo e Antonio Santamarina.

2.2.1. *Gallego 1* (1971). Na "Advertencia" declara-se escrever para os que desconheçam por completo a língua galega e tenham de aprendê-la tendo como base o castelhana e para aquelas pessoas que possuindo já conhecimentos teóricos ou prácticos do galego, querem afiançar o seu domínio sobre esta língua tanto de forma oral como escrita (p. 8).

As 24 liçons constam de umha leitura, centrada sempre em ambientes ou situaçõs de qualquer povo da Galiza do meio rural; a teoria gramatical clara e bem esquematizada e os exercícius clássicos de métodos para o aprendizado de línguas estrangeiras (traduções para castelhana, traduções do castelhana para galego, vocabulário com equivalências em espanhol, versons ao outro idioma,

(22) *Gallego 1* (1971), Instituto de la Lengua Gallega, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago. Citamos pola 2ª ed. de 1972. No Prólogo em p. 5 di-se: "...Pero había una evidente falta: un método práctico para el aprendizaje y perfeccionamiento del gallego (...) Faltaba todavía un método de carácter práctico mediante el cual se pudiera *aprender* a hablar la lengua siguiendo un sistema progresivo, o bien *perfeccionar* la utilizada coloquialmente (...) Se trata del primer tomo de una serie de tres que aparecerán sucesiva y ordenadamente.

Gallego 2 (1972), Instituto de la Lengua Gallega, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago.

Gallego 3 (1974), Instituto de la Lengua Gallega, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago.

etc.). Incluem conversas e costumam findar com um texto literário de escritores dos séculos XIX ou XX.

No "Prólogo" (pp. 5-7) fai-se explícita a filosofia do "Instituto de la Lengua Gallega", filosofia apenas modificada logo de vinte anos, a nom ser naquelas questons relacionadas directamente com o léxico -onde si houvo restauraçom de formas insuspeitadas naquel tempo- ou com aspectos da Morfologia.

Os redactores manifestam a sua preocupação na utilizaçom de umhas normas ortográficas ajustadas à realidade, adoptam -asseguram- as normas provi-sórias propostas pola "Real Academia Gallega", porém estabelecem as suas dife-renças, diferenças caracterizadoras das normas ortográficas inspiradas polo "ILG":

- a) Representaçom gráfica da denominada segunda forma do artigo (ex. antes de ve-la casa).
- b) Reproduzir na escrita o resultado da contracçom da preposiçom A ou PRA (esta perderá vigência nas Normas de 1982) com os artigos mascu-linos: a + o = ó, etc.

Na opçom destas grafias dim guiar-se pola realidade fonética (nessa altura ainda nom estava investigado todo o território galego) e por critérios pedagógicos (nom há que dizer que o ensino se impartia todo em espanhol).

No campo do Léxico e da Morfologia recomendavam como normativas os plurais do tipo *candiles*, *animales* (p. 27), o superlativo em *-ismo* como *altismos* (p. 45), a preposiçom *hastra* (p. 189) e a conjunçom *pro* (p. 196). Todas elas rejeita-das com posterioridade.

2.2.2. *Gallego 2* (1972). Neste método voltam sobre os temas do *Gallego 1*, ampliam certas questons ortográficas e gramaticais e acrescentam o vocabulário.

Por razons de espaço e dada a continuidade com o livro anterior pa-rece-nos aconselhável nom deter-nos mais na análise deste manual.

2.2.3. *Gallego 3* (1974). O manual apresenta como importante novidade o facto de estar todo redigido em galego. Consta de 20 liçons ou unidades nas quais se informa sobre a Geografia, Antropologia, Mitologia, Literatura galega, etc. através de um texto inicial, seguem depois teoria gramatical, questons de ortogra-fia, léxico, exercícius, para finalizar com um texto literário. Como dado curioso in-corporam umha reproduçom fac-similar de um texto do Cancioneiro da Vaticana entre as pp. 144-145.

Dentro das "curiosidades" do texto, revistas decorridos estes anos, cabe su-blinhar:

- a) Consideram normativas *nacionales* e um hipergaleguismo *nacionais*. Também é normativa *rumbo* e um hipergaleguismo *numo*. (p. 51)
- b) Consideram arcaísmo *xuizo* e o Imperfeito *ia*, em lugar da normativa *iba*. (p. 61)
- c) Som arcaísmos sintácticos e lusismo a descontracçom da preposiçom e o artigo masculino *ao*, *aos*, em lugar dos autênticos *ó*, *ós*. (p. 62)
- d) Consideram vulgarismo a forma *perguntar* (p. 70).

- e) Embora nom se declarem anti-lusistas integrais, si consideram lusismos a 2ª pessoa do Perfeito do tipo *dixeste*, e vozes como *achar, xormal, ar, termo, liberdade, comezar, estrada* (a normativa era "carreteira"), *cidade* pola normativa "ciudade", etc. (p. 82)

2.3. *A revista Verba, Anuario Gallego de Filología* (23)

No ano 1974 os trabalhos realizados polo "Instituto de la Lengua Gallega" (e falar deste Instituto implica obrigatoriamente salientar a total dedicação do professor Dom Constantino Garcia) dá um importante salto quantitativo e qualitativo nas suas publicações. Com este volume a Filologia Galega entra nas bibliotecas das mais importantes Universidades do mundo e começa a ganhar prestígio no mundo da Romanística. O seu director, como é natural, é o professor Garcia González e o seu Secretário, o professor António Santamarina.

Nas palavras iniciais explicam as causas do seu nascimento e os objectivos que perseguem (p. 3):

"VERBA nace como consecuencia directa del volumen e importancia que los estudios filológicos han adquirido en Galicia durante los últimos años y, al mismo tiempo, como un nuevo factor que, sin duda, incidirá favorablemente sobre su desarrollo futuro. Pretendemos que esta revista esté dedicada primordialmente, aunque no de modo exclusivo a la filología gallega (...) (...) su campo de atención preferente: la lengua gallega en todas sus manifestaciones.

La revista tendrá una periodicidad anual. Cada volumen comprenderá, además de los artículos, otras dos secciones. Una de ellas, las NOTAS estará dedicada a breves comunicaciones sobre diferentes problemas (...)

Al lado de los números normales, se publicará una serie de anejos de la revista constituida por monografías (...)"

Neste volume junto com um Artigo de HARRI MEIER em espanhol, aparece outro em português de JOSEPH M. PIEL, mas a tendência dominante é o uso do espanhol. Nas duas NOTAS também há umha em galego e outra em espanhol; a mesma percentagem existe na secção REVISTA DE LIBROS. Esta distribuição reflecte bastante bem a situação do idioma galego e o uso no mundo da Ciência, facto que nessa altura já constituía um fito importante.

Com esta referência, pomos fim às nossas lembranças sobre a situação dos estudos de Linguística e Filologia Galega e Românica na Universidade de Santiago de Compostela. Esses dez anos som, na verdade, anos de umha etapa qualificada por nós como de "Pré-História" do "Instituto de la Lengua Gallega". Som anos de um ingente esforço humano compensatório da falta de muitos meios. Som anos em que se inicia a formação dos-futuros filólogos e linguístas da Universidade galega, som anos em que as pesquisas sobre o galego supunham muita entrega e dificuldades.

(23) *Verba*, Anuario Gallego de Filología, vol. 1, 1974, Universidad de Santiago de Compostela, 256 pp. Em p. 3 faz a declaração de princípios. No livro já se anunciam como "Anejos" cuatro estudos, o do professor Dom Constantino Garcia já citado, o trabalho do professor Guillermo Rojo, *Perífrasis verbales en el gallego de hoy* (1974), umha parte da nossa tese de doutoramento, *Léxico de O Grove* (1974), e o estudo do professor Antonio Santamarina, *El verbo gallego* (1974). Desde este ano, as publicações som numerosas e constituem um ponto de referência obrigada para qualquer estudioso da Linguística, Dialectologia e Filologia Galega e/ou Galego-Portuguesa.

Hoje, no mundo cultural da Galiza, podemos achar colaboradores, investigadores ou membros adscritos no momento inicial a esse Instituto universitário, situados em filosofias antagónicas e divergentes às defendidas polo "ILG", mas também deve resultar gratificante para Dom Constantino saber que na pluralidade de ideias está um dos melhores contributos que pode legar à comunidade um PROFESSOR, o professor Dom Constantino Garcia.